

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: UM ESTUDO COM PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Bianca Cristine Figueiredo (FAFE)¹

Karine da Silva de Almeida Santos (FAFE)²

Marinice Silva Lopes de Oliveira (FAFE)³

Maria Clara Lopes Saboya (USP/FAFE)⁴

Carlos Adriano Martins (UNICSUL/FAFE)⁵

Vanda Pereira Ferreira (PUC/FAFE)⁶

Resumo

Por meio de pesquisa bibliográfica e de campo, este artigo visa a investigar a importância da educação sexual no Ensino Fundamental I. A coleta de dados empíricos foi realizada por meio de questionário misto composto por 20 questões (quatro fechadas e 16 abertas), sendo 10 referentes ao perfil dos pesquisados e 10 de caráter específico, relacionado à temática investigada. O questionário foi aplicado a quatro professores (três mulheres e um homem), sendo dois de escolas particulares e dois de escolas municipais da cidade de Osasco (São Paulo, Brasil). A interpretação dos dados coletados na pesquisa de campo foi realizada com base no modelo qualitativo descritivo e evidenciou que a orientação sexual é realizada nas escolas, pelos professores, ainda de maneira muito tímida, revelando que enfrentam entraves relativos aos preconceitos de todos os envolvidos (pais, alunos e professores), o que dificulta o desenvolvimento desse tema transversal na sala de aula.

Palavras-chave: Educação sexual. Orientação sexual. Ensino Fundamental I. Escola. Sexualidade.

¹ Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Fernão Dias.

² Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Fernão Dias.

³ Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Fernão Dias.

⁴ Doutora e mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Licenciada em Pedagogia pela mesma instituição. Bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Docente e Coordenadora na Faculdade Fernão Dias (FAFE).

⁵ Doutor em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL). Mestre em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Especialista em Gestão Ambiental pelo Centro Universitário Claretiano. Especialista em Docência do Ensino Superior pela mesma instituição. Licenciado em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE). Licenciado em Ciências Biológicas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Fundação Santo André. Docente na Faculdade Fernão Dias (FAFE).

⁶ Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Pedagoga e especialista em Psicopedagogia. Professora da Faculdade Fernão Dias (FAFE).

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

Abstract

Through a bibliographical and field research, this work aims to investigate the importance of sex education in Elementary School I. The empirical data collection was done through a mixed questionnaire composed of 20 questions (four closed and 16 open), of which 10 related to the profile of the respondents and 10 of specific character, related to the researched topic. The questionnaire was applied to four teachers (three women and one man), two of private schools and two of municipal schools in the city of Osasco (São Paulo, Brazil). The interpretation of the data collected in the field research was carried out based on the descriptive qualitative model and showed that the sexual orientation is carried out in the schools, by the teachers, still in a very timid way, revealing that they face obstacles related to the prejudices of all involved (parents, students and teachers), which hinders the development of this transversal theme in the classroom.

Keywords: Sexual education. Sexual orientation. Elementary School I. School. Sexuality.

Introdução

A educação sexual⁷ tem grande importância na vida de um indivíduo e, na atualidade, ela vem com várias mudanças, as quais não podem ser ignoradas em sala de aula ou na vida. Este tema ainda não é considerado com certa importância, dentro da sala de aula. Muitas ocasiões de se falar sobre a questão sexual são descartadas, tendo o docente receio em iniciar o assunto, por não saber que tipo de reações os alunos e pais terão. No entanto, a orientação sexual deve ser apresentada desde o Ensino Infantil, para que o conteúdo seja enfrentado de forma natural e saudável.

Na escola, especialmente no Ensino Fundamental, foco deste artigo, a educação sexual gera curiosidade e ansiedade nas crianças. Assim, esse tema precisa ser abordado por professores que tenham conhecimento específico e estejam preparados para falar sobre a temática com seus alunos, para orientá-los de forma adequada.

Como a sexualidade é parte intrínseca do ser humano, permeada pela cultura, é

⁷ Neste artigo, a expressão *Educação Sexual* será usada como sinônimo de *Orientação Sexual*, utilizando-se as duas expressões, indiscriminadamente, ao longo do texto desta monografia, para designar um conjunto de informações sistematizadas e planejadas sobre a sexualidade, que proporcionem às crianças e aos jovens informações sobre seu corpo, desenvolvendo a consciência corporal necessária para uma vida saudável, em um espaço de acolhimento e de reflexão das dúvidas, valores, atitudes, informações que formam as vivências e manifestações da sexualidade (FURLANI, 2009).

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

importante que a temática seja discutida com os alunos por meio da educação sexual. As informações precisam ser transmitidas com uma linguagem científica, mas que seja compreensível em cada faixa etária, a fim de que se possam desenvolver aspectos sociais, cognitivos e afetivos do sujeito. Na pré-adolescência, a orientação sexual é importante pelo fato desses aspectos estarem em desenvolvimento.

Assim, cabe ao educador, na instituição escolar, garantir um ambiente profícuo para a abordagem do tema, desconstruindo tabus e preconceitos que possam conduzir a uma visão equivocada da sexualidade. Dessa forma, o trabalho de orientação/educação sexual, poderá ocorrer dentro da programação de aulas, inerentes ao planejamento escolar, como parte de um projeto interdisciplinar ou sempre que surgirem questionamentos dos alunos a respeito do assunto.

A partir desses pressupostos, pretende-se, neste artigo, enquanto objetivos gerais, averiguar como a temática da educação sexual está sendo trabalhada, em sala de aula, com alunos do Ensino Fundamental I; verificar se os professores estão preparados para abordar essa temática na escola; identificar se a educação sexual ainda é vista como um tabu. Como objetivos específicos espera-se coletar informações com professores do Ensino Fundamental I que apontem a importância da educação sexual na escola e as dificuldades encontradas pelos professores na abordagem desse assunto. Pretende-se, ainda, investigar como as escolas e os professores abordam essa temática com os alunos.

Para que se possa alcançar esses objetivos, foram elaborados os seguintes problemas de pesquisa: 1) Quais as dificuldades enfrentadas pelos professores ao abordar a sexualidade no Ensino Fundamental I? 2) Como era trabalhada a educação sexual antigamente e como é trabalhada hoje? 3) Como os alunos reagem à educação sexual na escola? 4) O tema é valorizado no ambiente escolar?

Em resposta a essas problemáticas, foram formuladas as seguintes hipóteses: 1) As maiores dificuldades dos professores estão relacionadas ao fato de ser a sexualidade um tema tabu tanto para pais, quanto para alunos e também para os próprios professores; 2) Antigamente, a educação sexual não era abordada em escolas, mesmo porque, informações sobre sexualidade envolvem crenças, tabus e valores a respeito de

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

relacionamentos e comportamentos sexuais. Hoje em dia, o acesso ao assunto está mais fácil, apesar de professores, pais e alunos não saberem como lidar ainda, há várias maneiras de se trabalhar o assunto. 3) Grande parte dos alunos não se sente à vontade para falar sobre o assunto; muitas vezes, acham que não precisam ouvir a respeito e a vergonha é um aspecto inevitável. A presença da família tem grande importância, pois se o aluno vem de uma família onde a conversa sobre o assunto é normal, ele irá receber as informações com mais atenção sem muitos problemas. 4) Não é valorizado, pelo fato de ainda haver muito preconceito em todas as partes envolvidas (pais, alunos e professores). Em poucas escolas se aborda esse assunto como tema transversal.

Como metodologia, este estudo utilizou pesquisa bibliográfica e de campo, sendo que a coleta de dados empíricos foi feita por meio de questionário misto composto por 20 questões (quatro fechadas e 16 abertas), sendo 10 referentes ao perfil dos pesquisados e 10 de caráter específico, relacionado à temática investigada.

O questionário foi aplicado a quatro professores, sendo dois de escolas particulares e dois de escolas municipais da cidade de Osasco (EMEF). Os dados foram analisados à luz do modelo qualitativo descritivo que se caracteriza pela apreciação subjetiva do objeto analisado, estudando as suas particularidades e experiências individuais.

1 Referencial teórico

1.1 Sexualidade: origem e definição

Para Nunes (2005) o período Paleolítico é todo ele dominado pelo matriarcalismo, isto é, pela valorização do elemento feminino, da mulher enquanto mãe, por ser procriadora e organizadora da sociedade primitiva. Por milhares de anos, a humanidade viveu sob esta organização: as mulheres eram responsáveis pelo desenvolvimento da sociedade. Foi pelo vínculo materno que se deu o primeiro elo civilizador e mantenedor do clã primitivo.

As mulheres possuíam um poder real e isso as tornava um símbolo que ensinava sobre religião e crença. No matriarcalismo primitivo, as divindades eram

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

características de fertilidade. Como consequência, a sexualidade, ao se ver envolvida de uma significação mítica, foi concebida como sagrada e divina. Com a evolução das sociedades, mesmo sob o domínio do patriarcado⁸, essa concepção original da sexualidade não foi perdida. A moral conservadora e religiosa, que substituiu a visão mítica primitiva, conseguiu implantar-se, de tal forma, que ainda nos tempos atuais tudo o que envolve a questão da sexualidade é encarado como tabu.

Existe um desconhecimento dos genitais, das doenças sexualmente transmissíveis e do erotismo por parte de homens e mulheres, por estarem estas temáticas ocultas em um mundo de tabus e mitos impostos em nossas vidas, colocando esses temas como proibidos [...] se alguém compartilha suas experiências sexuais ou fala de partes do corpo é julgado moralmente, o que também gera uma ignorância em relação às doenças sexuais. Desde a infância, somos levadas a acreditar que explorar a sexualidade ou falar de nosso prazer são coisas proibidas. Além de tudo isso, a ditadura moral nos afasta da aceitação, conhecimento e carinho com nossos corpos. (YUCA, 2016, s/p)

A sexualidade se desenvolve ao longo da vida, envolvendo afetos, sentimentos e, em função da intervenção da cultura sobre os desejos sexuais, também está à mercê dos controles sociais. Falar de sexualidade é, ao mesmo tempo, falar do indivíduo e da cultura; sexualidade tem a ver com desejo, busca de prazer, inerente a todo ser humano (PAIVA; PERES, 2000).

Quanto aos verbetes *sexo* e *sexualidade*, o dicionário Aurélio (FERREIRA, 2002, p. 634-635), assim os define:

Significado de Sexo:

1. O conjunto das características que distinguem os seres vivos, com relação à sua função reprodutora. 2. Qualquer das duas categorias, macho ou fêmea, na qual eles se classificam. 3. O conjunto dos que são do mesmo sexo. 4. Sensualidade, volúpia. 5. Os órgãos genitais externos.

Significado de Sexualidade:

1. Condição de sexual. 2. Sensualidade; sexo.

O conceito de sexualidade é recente; data do século XIX e seu surgimento possibilitou uma ampliação do conceito de sexo, incluindo a reflexão e o discurso acerca da intencionalidade do sexo. Chauí (1984 apud SANTOS; BRUNS, 2000 p. 13) complementa esse conceito, dizendo da sexualidade o seguinte:

Não se confunde com um instinto, nem com um objeto (parceiro), nem com

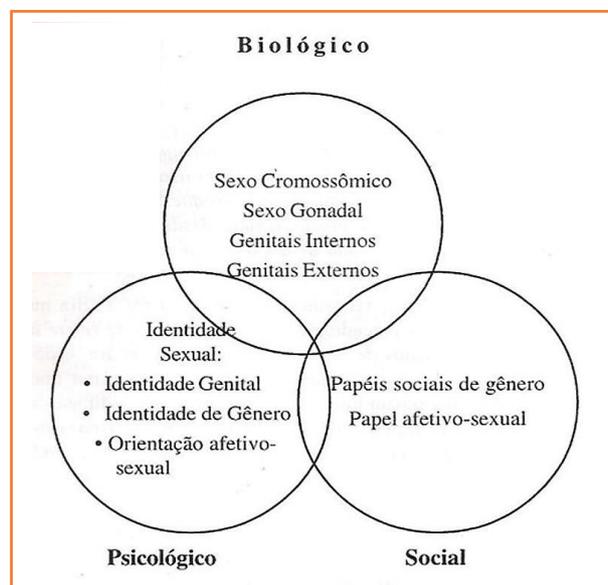
⁸ O patriarcado é um sistema social em que os homens (figura paterna) detêm o poder e a autoridade no âmbito social e familiar (AGUIAR, 2000).

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

um objetivo (união de órgãos genitais no coito). Ela é polimorfa, polivalente, ultrapassa a necessidade fisiológica e tem a ver com simbolização do desejo, não se reduz aos órgãos genitais, porque qualquer região do corpo é susceptível de prazer sexual, desde que tenha sido investida de erotismo na vida de alguém, e porque a satisfação sexual pode ser alcançada sem a união genital.

Costa (1994 apud SANTOS; BRUNS, 2000) deixa claro no diagrama da sexualidade humana, representado a seguir, o modo como a sexualidade se apresenta em seus aspectos biológicos, psicológicos e sociais, de maneira complexa e justaposta.

Figura 1 – Diagrama da sexualidade



Fonte: Costa, 1994 (apud SANTOS; BRUNS, 2000, p. 14)

Freud, um dos pioneiros dos estudos da sexualidade humana nos seus aspectos psicológicos, em sua obra “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” escrita em 1905, mostra que a sexualidade ocorre nas crianças, quase desde o seu nascimento, e que a prática sexual entre os adultos pode ser bem mais livre do que supunham os teóricos moralistas do começo do século (BOCK, 2005).

Sartori e Britto (2008, p. 32), complementam:

É importante analisar a articulação entre o biológico e o social, ou seja, não negar as diferenças entre mulheres e homens, mas há que se reconhecer que o gênero marca a direção fundamental entre os sexos e que a biologia não pode ser considerada a origem e a razão das diferenças entre os sexos (principalmente a subordinação).

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

A Organização Mundial de Saúde (OMS, 2011) define sexualidade como a forma de expressão ou o conjunto de formas de comportamento do ser humano, vinculado aos processos somáticos, psicológicos e sociais do sexo. A sexualidade humana é parte integral da personalidade de cada um. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida.

Para Souza (2002, p. 36), “sexualidade é o conjunto de fenômenos da vida sexuada de um homem e de uma mulher, desde que nascem até o final de suas existências”, havendo muitas formas de se expressar a sexualidade, ao longo da vida. Nessa perspectiva, Freud foi o pioneiro a identificar as fases do desenvolvimento psicosssexual da criança, por volta de 1905.

Para Freud (1996), a primeira fase do desenvolvimento psicosssexual é a fase oral, que vai desde o nascimento até os 18 meses de idade, em que a boca da criança é a zona de gratificação e fonte de prazer, quando ela se alimenta no seio da mãe e da exploração oral do ambiente, ou seja, a tendência em colocar objetos na boca. A segunda fase é a anal (entre um a três anos), quando a atenção da criança passa a se voltar para os processos de eliminação dos produtos corporais (usar o vaso sanitário); a criança pode ganhar aprovação ou expressar rebeldia ou agressão "segurando" ou "liberando".

O terceiro estágio é a fase fálica (dos três aos seis anos), quando haveria um interesse sexual maior que faria com que a criança se sentisse fisicamente atraída pelo genitor de sexo oposto. Em homens, a atração leva ao Complexo de Édipo, quando meninos sentem uma rivalidade com seu pai pelo amor da mãe. Existe um período de latência dos seis anos até a puberdade, ocasião em que o desenvolvimento psicosssexual está suspenso e o desejo é dirigido para elementos culturais como para a escola, as amizades e outras atividades não sexuais. Por fim, aparece a fase genital ou puberdade, quando o aumento das energias sexuais ativa todos os conflitos não resolvidos dos anos anteriores. Este ressurgimento é a razão pela qual a adolescência pode ser povoada de emoção e conflitos (FREUD, 1996).

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

1.2 Educação sexual na escola

De acordo com Paiva e Peres (2000), a sexualidade na educação é algo muito importante; é uma necessidade básica que os indivíduos buscam em uma construção que se dará ao longo da vida, desde a concepção. Essa construção se dará ao seu jeito de se relacionar, pensamentos, emoções, valores, sonhos, uma aprendizagem de relação com o outro e com o seu próprio corpo.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, a Orientação Sexual, deve ser organizada de forma que os alunos, ao final do Ensino Fundamental sejam capazes de:

- Respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos existentes e relativos à sexualidade, desde que seja garantida a dignidade do ser humano;
- Compreender a busca de prazer como uma dimensão saudável da sexualidade humana;
- Conhecer seu corpo, valorizar e cuidar de sua saúde como condição necessária para usufruir de prazer sexual;
- Reconhecer como determinações culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino, posicionando-se contra discriminação a eles associadas;
- Identificar e expressar seus sentimentos e desejos, respeitando os sentimentos e desejos do outro;
- Proteger-se de relacionamentos sexuais coercitivos ou exploradores;
- Reconhecer o consentimento mútuo como necessário para usufruir de prazer numa relação a dois;
- Agir de modo solidário em relação aos portadores do HIV e de modo propositivo na implementação de políticas públicas voltadas para prevenção e tratamento das doenças sexualmente transmissíveis/AIDS. (BRASIL, 1998, p. 311)

Tendo esses norteadores como referência, o professor deve estar preparado para desenvolver o conteúdo em sala de aula; porém, com certeza, irá se deparar com os preconceitos que envolvem o tema, encontrando dificuldades em abordar o assunto, por falta de embasamento e insegurança inerentes ao despreparo docente: “É necessário que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema”, enfrentando suas próprias dificuldades ao abordar essas questões (BRASIL, 1998, p. 303).

Segundo Barroso e Bruschini (1990), o interesse de crianças e jovens, de ambos os sexos, pela sexualidade mantém-se em alta, devendo, os educadores, abordar

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

a temática falando sobre valores e atitudes, no contexto de uma educação sexual franca, aberta e prazerosa. Para essas autoras, a relação entre sexualidade e educação é uma problemática que se associa a questões complexas, de cunho existencial e institucional. As dúvidas dos jovens vão além da informação, passando por experiências de cunho pessoal, íntimo, sendo que os professores se sentem, muitas vezes, constrangidos a se posicionarem.

Os docentes necessitam preparar-se para a intervenção prática junto aos alunos, se possível contando com assessoria especializada. A formação deve ocorrer de forma continuada e recorrente, propiciando a reflexão sobre valores e preconceitos dos próprios educadores envolvidos no trabalho de educação sexual. A postura dos educadores precisa refletir os valores democráticos e pluralistas que regem a educação contemporânea, com respeito às opiniões diversas.

Para a construção dessa postura ética, o trabalho coletivo da equipe escolar muito ajudará cada professor nessa tarefa. Portanto, o processo de educação sexual, na escola, envolve o coletivo da instituição escolar, bem como pais e alunos, num trabalho de esclarecimento e orientação, como estabelecem os PCN:

Os professores também precisam estar atentos às diferentes formas de expressão dos alunos. Muitas vezes, a repetição de brincadeiras, paródias de músicas ou apelidos alusivos à sexualidade podem significar uma necessidade não verbalizada de discussão e de compreensão de algum tema. Deve-se, então, satisfazer a essa necessidade. No trabalho com crianças, os conteúdos devem também favorecer a compreensão de que o ato sexual é manifestação pertinente à sexualidade de jovens e de adultos, não de crianças. (BRASIL, 1998, p. 303)

A importância da educação sexual na escola se reflete em números: de acordo com o Relatório do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA, 2013), foi constatado que, no Brasil, 12% das adolescentes de 15 a 19 anos têm pelo menos um filho. Na mesma pesquisa, 19,3% das crianças nascidas em 2010 são filhos e filhas de mães menores de 19 anos. A incidência de gravidez na adolescência é mais frequente entre mulheres de grupos de maior vulnerabilidade social e de baixa escolaridade, ou seja, que não tiveram acesso às informações necessárias sobre educação sexual.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015) mostram uma maior concentração de gravidez indesejada na adolescência nas Regiões Norte e

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

Nordeste do Brasil, sobressaindo entre mulheres negras e com baixa escolaridade. Esses levantamentos revelam que quanto menor a escolaridade, maior o índice de gestações e que a porcentagem de gestantes na zona rural é maior que na zona urbana. Outro apontamento é que cresceu o número de abortos entre adolescentes.

Essas informações indicam a importância da educação sexual na vida dos alunos, com relação à consciência corporal, reprodução, métodos contraceptivos, doenças sexualmente transmissíveis DST/Aids, dentre outras questões. A inclusão da disciplina de educação sexual nos currículos escolares é essencial, devido às dúvidas que permeiam os adolescentes e pré-adolescentes, frente às informações que são disponibilizadas, principalmente pela mídia.

Para Bock (2005), tudo o que diz respeito à nossa sexualidade é algo desconhecido e produtor de ansiedade para a maioria dos jovens. O crescimento intelectual decorrente da informação esclarecedora e orientadora, que demonstre aos jovens a variabilidade de comportamentos e valores sobre a sexualidade é essencial para a autoaceitação sem temores e angústias.

Podemos dizer que a escola tem que ser diversificada em relação à função escolar: a escola precisa ressaltar um ensino que crie conexão entre o que o aluno aprender nela e o que ele faz fora dela. Sendo assim, uma criança bem orientada sobre sexo, está preparada para enfrentar a puberdade e é capaz de reconhecer quando está sendo vítima de pedofilia ou de abusos sexuais. Nessa perspectiva, Furlani estabelece alguns princípios para nortear a educação sexual, na escola:

Princípios:

- 1º) A educação sexual deve começar na infância;
- 2º) As manifestações da sexualidade não se justificam, pelo objetivo da reprodução;
- 3º) A descoberta corporal é expressão da sexualidade;
- 4º) Não deve haver segregação de gênero nos conhecimentos apresentados a meninos e meninas;
- 5º) Meninos e meninas devem ter os mesmos brinquedos;
- 6º) A linguagem plural, usada na educação sexual, deve contemplar tanto conhecimento científico, quanto conhecimento familiar;
- 7º) Há muitos modos de a sexualidade e os gêneros se expressarem em cada pessoa;
- 8º) A educação sexual pode discutir valores como respeito. (FURLANI, 2011, p. 67)

Assim, a sexualidade deve ser tratada como tema transversal e não como

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

disciplina. Como tema transversal existe a possibilidade de se estabelecer, na prática educacional, uma relação entre estudar os conhecimentos e sistematiza-los, aprendendo com a realidade da vida real. A orientação sexual entrou nos currículos escolares através dos Parâmetros Curriculares Nacionais, por haver uma necessidade de mais orientações às crianças e adolescentes, sobre essa questão, dentro das escolas.

1.3 Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais

Segundo Silva (2015), os Temas Transversais surgiram a partir de questionamentos, em diversos países, sobre o papel que deveria ser desempenhado pela escola, no contexto de uma sociedade plural e globalizada. Nesse contexto, diversas organizações iniciaram o desenvolvimento de projetos educacionais que abordassem os assuntos relacionados ao cotidiano da maioria da população. Uma das propostas previa a inclusão transversal de temas, sem dispensar os conteúdos curriculares tradicionais. No Brasil, a proposta de incluir os temas transversais na estrutura curricular das escolas deu-se com o estabelecimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) pelo Ministério da Educação, em 1998.

Os temas transversais expressam conceitos e valores básicos à democracia e à cidadania e obedecem a questões importantes e urgentes para a sociedade contemporânea. Os temas transversais atuam como eixo unificador, em torno dos quais organizam-se as disciplinas, devendo ser trabalhados de modo coordenado e não como um assunto descontextualizado nas aulas. O que importa é que os alunos possam construir significados e conferir sentido àquilo que aprendem.

O tema transversal *Orientação Sexual* (corpo: matriz da sexualidade, relações de gênero, prevenção das doenças sexualmente transmissíveis) faz parte dos PCN. A primeira parte do documento justifica a importância deste assunto como tema transversal do currículo. A segunda parte mostra os critérios de avaliação e orientação didática, nas primeiras séries do Ensino Fundamental. Mostra que se faz importante a orientação para a (in)formação.

Os PCN têm como objetivo promover reflexões na escola e na comunidade,

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

envolvendo “pais e responsáveis, com a finalidade de sistematizar a ação pedagógica no desenvolvimento dos alunos, levando em conta os princípios morais de cada um dos envolvidos e respeitando, também, os Direitos Humanos” (BRASIL, 1998, p. 73).

A justificativa para a adoção da *Orientação Sexual*, enquanto tema transversal, reside no fato de que a discussão sobre a inclusão da temática da sexualidade no currículo das escolas de Ensino Fundamental tem se intensificado a partir da década de 1970, por ser considerada importante na formação global do indivíduo.

A retomada contemporânea dessa questão deu-se juntamente com os movimentos sociais que se propunham, com a abertura política, a repensar sobre o papel da escola e dos conteúdos por ela trabalhados. Mesmo assim não foram muitas as iniciativas tanto na rede pública como na rede privada de ensino. A partir de meados dos anos 80, a demanda por trabalhos na área da sexualidade nas escolas aumentou devido à preocupação dos educadores com o grande crescimento da gravidez indesejada entre as adolescentes e com o risco da contaminação pelo HIV (vírus da AIDS) entre os jovens. (BRASIL, 1998, p. 77)

Apesar de bons norteadores para os educadores e para a promoção de uma educação sexual esclarecedora, pode-se afirmar que muitas famílias apresentam resistência à abordagem dessas questões no âmbito escolar; embora exista também um grande contingente de “pais que reivindicam a orientação sexual nas escolas, pois reconhecem não só a sua importância para crianças e jovens, como também a dificuldade de falar abertamente sobre esse assunto em casa” (BRASIL, 1998, p. 78).

Segundo os PCN, o trabalho de Orientação Sexual contribui para a prevenção de problemas graves como o abuso sexual e a gravidez indesejada. As informações corretas coligadas ao trabalho de autoconhecimento e de reflexão sobre a própria sexualidade ampliam a consciência sobre os cuidados necessários para a prevenção dessas questões. Pode-se afirmar que a implantação desse tema transversal nas escolas contribui para o bem-estar das crianças e dos jovens, na vivência de sua sexualidade atual e futura.

O papel do professor nesse processo é essencial, pois ao mesmo tempo em que oferece informações, referências e limites, ele deve mostrar que as manifestações da sexualidade infantil são prazerosas e fazem parte do desenvolvimento saudável de todo ser humano. É necessário cuidado para não humilhar ou expor os alunos: tais

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

manifestações não devem ser condenadas ou julgadas segundo doutrinas morais. Assim, o professor contribui para que o aluno reconheça suas necessidades e desejos de obtenção de prazer, sem preconceitos, ao mesmo tempo que processa as normas de comportamento próprias do convívio social (BRASIL, 1998).

1.4 Sexualidade sem tabus

Acredita-se ser possível aos educadores e também aos pais lidarem com as múltiplas vertentes da sexualidade humana no contexto escolar, desde que se preparem para isso, conhecendo a infância em profundidade e compreendendo as manifestações da sexualidade inerentes a essas fases. No entanto, essa perspectiva positiva em relação à sexualidade é algo muito recente na história da educação.

Em geral, o que se percebe, nos estudos sobre essa temática, é a negação da sexualidade das crianças e adolescentes, de forma recorrente, na história, como um legado da época vitoriana, quando os médicos, a família e os educadores tinham uma concepção angelical e assexuada da infância, conforme evidenciam Chauí (1984) e Bernardi (1985). Ao refletirmos sobre tal concepção da criança, que perdura ainda hoje, podemos compreender o temor dos pais quanto a uma possível incitação da sexualidade precoce dos filhos, em face de todo projeto de orientação sexual.

Considerando-se que os pais são igualmente frutos da repressão sexual e de preconceitos da sociedade em relação à sexualidade, eles também necessitam de orientação sexual, numa vez que foram privados dessa forma de educação, o que os leva, em grande parte das vezes, a ignorar a sexualidade dos filhos, porque não sabem como lidar com ela.

As questões em torno desse campo, no entanto, precisam ir além das perguntas ingênuas e de respostas superficiais. Teremos de ser capazes de um olhar mais aberto. Sexualidade, classe, raça, etnia, estão presentes em todos os arranjos escolares; não há como negar que essa seja uma tarefa difícil: temos que compartilhar relações nas quais estamos envolvidos e que, portanto, nos dizem respeito (LOURO, 2003).

De acordo com Bock (2005, p. 229), o desconhecimento e as dúvidas sobre a

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

sexualidade são inúmeros, além de ser a própria sexualidade “cheia de preconceitos, de moralismo, de informações incorretas”. Essa contradição, de desconhecimento de algo inerente a nós, tem feito do sexo e da sexualidade um tabu. Assim, o sexo fica como um discurso nunca dito.

Daí a importância de se romper com esse paradigma, encarando a sexualidade como “uma energia forte e mobilizadora, uma dimensão de expressão do ser humano em sua relação consigo mesmo e com o outro, lugar do desejo, do prazer e da responsabilidade” (CAMARGO; RIBEIRO, 1999, p. 50). Se adotada essa perspectiva, quebra-se o tabu, sendo necessária uma orientação adequada para o exercício consciente da sexualidade saudável, amparada por informações honestas e verdadeiras, e o respeito às diferenças.

Para Almeida, Costa e Silva (2005), falar sobre sexo não é tarefa fácil. Mesmo que os adultos tenham consciência da responsabilidade de evitar que os filhos sofram como eles ao enfrentarem os próprios problemas sexuais, pouco fazem para orientar o adolescente. É preciso que se conduza uma reflexão mais aprofundada sobre os valores e tabus que abarcam a sexualidade, havendo a necessidade de abordá-la, no contexto escolar, em parceria com a família, a fim de esclarecer os educandos e superar os preconceitos e estereótipos sexuais relacionados à temática

1.5 Família e escola

Para Gewandsznajer (1996, p.13), a convivência familiar é muito importante na pré-adolescência. O jovem já tem cara de adulto, mas ainda não está preparado para enfrentar os desafios dessa nova vida. Ora é tratada como criança, ora como “gente grande”. Ele mesmo hesita em pedir ajuda, por se achar maduro e experiente. Ao mesmo tempo, uma série de mudanças está acontecendo em seu corpo. Algumas substâncias químicas podem ser produzidas em quantidades maiores: são os hormônios, que alteram o humor, o sono, a autoconfiança, a tolerância.

Às vezes, tudo parece conspirar contra o jovem. Em outros momentos, parece que nunca houve nem vai haver período melhor de vida.

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

Em busca de uma identidade própria, os adolescentes questionam os modelos de comportamento adotados pela sociedade em que vivem. Há os que querem construir um mundo melhor e os que pretendem apenas chocar os mais velhos. (GEWANDSZNAJER, 1996, p.13)

Na fase da adolescência, os hormônios e a curiosidade aumentam. Parte deles, deixa para trás toda bagagem cultural, trazida de casa e, no final, eles acabam se entendendo de uma forma normal e natural, não se conscientizando do que está ao redor deles; nos momentos mais particulares, o mundo passa a não mais existir. Tudo o que era proibido, tornou-se realidade de uma forma em que homem e mulher, passam a se entender além do que era permitido pelos pais, quando crianças, até pouco tempo atrás. Nessa fase, independentemente da idade, já estão seguros de si; podem até não ter maturidade o suficiente, mas seguem o que eles querem.

Por isso se torna importante o diálogo na escola e na família, sobre o tema da sexualidade e, nessa fase da vida, os jovens precisam de orientação, pois poderão se deparar com algumas responsabilidades, não tão favoráveis, devido à pouca idade. De qualquer forma, a sexualidade é assunto para ser abordado em família e na escola, com ambas as instituições se apoiando mutuamente, em prol da formação sadia da criança e do jovem.

2 Pesquisa de campo

2.1 Metodologia

Para o melhor entendimento do tema pesquisado, foi realizada pesquisa de campo de cunho qualitativo, com coleta de dados, por meio de questionário misto composto por 20 questões (quatro fechadas e 16 abertas), sendo 10 referentes ao perfil dos pesquisados e 10 de caráter específico, relacionado à temática investigada. O questionário foi aplicado a quatro professores (três mulheres e um homem), sendo dois de escolas particulares e dois de escolas municipais da cidade de Osasco.

A interpretação dos dados coletados na pesquisa de campo foi realizada com base no modelo qualitativo descritivo. Por metodologia qualitativa entende-se aquele modelo que não pode ser quantificável e mensurável, pois a realidade e o sujeito são

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

elementos indissociáveis. Assim, “quando se trata do sujeito, levam-se em consideração seus traços subjetivos e suas particularidades. Tais pormenores não podem ser traduzidos em números quantificáveis” (DUARTE, 2017, s/p), sendo necessário um método de análise que permita alcançar, comparar e analisar opiniões, valores, posturas e comportamentos, que é do que se trata nesta investigação. A análise dos dados segue a abordagem descritiva. Segundo Marconi e Lakatos (2011), o método descritivo é aquele que visa à descrição de certa realidade pesquisada.

2.2 Perfil dos professores

De acordo com os dados coletados nos questionários respondidos pelos professores, foi possível traçar o perfil de cada um deles. Assim, buscando preservar as identidades dos respondentes, utilizam-se nomes fictícios (Daniel, Sílvia, Andrea e Lorena), como recomenda o Princípio da Ética na Pesquisa Científica, enquanto norteador metodológico indispensável a qualquer investigação que envolva seres humanos (BRASIL, 1996). Com base nesse princípio, apresentam-se, a seguir, as informações referentes ao perfil dos quatro professores pesquisados.

Tabela 1 – Perfil dos professores pesquisados

Nome	Idade	Estado Civil	Nº de filhos	Nível de formação	Tempo na Educação	Escola que atua	Ano/série
Daniel	37	Casado	4	Superior	16 anos	Municipal	2º ano
Sílvia	42	Casada	2	Pós	22 anos	Particular	2º ano
Andrea	46	Solteira	0	Pós	28 anos	Particular	2º ano
Lorena	59	Casada	3	Mestrado	30 anos	Municipal	Não respondeu

Fonte: tabela elaborada pelos autores deste artigo

2.3 Apresentação dos dados e análise dos resultados

Apresentam-se, a seguir, as dez questões específicas relacionadas à temática deste artigo, que foram respondidas pelos professores, seguidas de suas respostas e as

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

análises correspondentes.

1) Você considera importante abordar a sexualidade na escola?

() Sim () Não Por quê?

Todas as respostas foram *sim*, confirmando a grande importância da orientação sexual na escola. Para a professora Silvia, as crianças necessitam desse tipo de orientação, pois com a modernidade e a saída das mães para o trabalho ocorre, segundo ela, “a terceirização da educação dos filhos” para a escola. Já para a professora Lorena, este tema é considerado emergente no campo educacional, principalmente se considerarmos o grande avanço tecnológico, que oferece informações que, muitas vezes, deturpam o verdadeiro sentido do que, de fato, representa o tema.

Essas respostas remetem ao que preconizam os PCN (1998), quando postulam que a orientação sexual, enquanto tema transversal, expressa conceitos e valores básicos à democracia e à cidadania e obedece a questões importantes e urgentes para a sociedade contemporânea, devendo ser trabalhado de modo coordenado e não como um assunto descontextualizado nas aulas. O que importa é que os alunos possam construir significados e conferir sentido àquilo que aprendem. Para Camargo e Ribeiro (1999), diante das diversas informações, muitas vezes equivocadas, fornecidas pela mídia, é necessária uma orientação adequada, fornecida pela escola, para o exercício consciente da sexualidade saudável, amparada por informações honestas e verdadeiras.

2) Como a temática da sexualidade está sendo trabalhada em sala de aula, na sua escola?

O tema é abordado com livros nas aulas de ciências, como conhecimento do corpo humano, diferenciação de sexo e gênero e noções de higiene. Para o professor Daniel, na instituição particular “não estamos discutindo o assunto, já na escola pública iniciamos o trabalho de orientação aos adolescentes sobre gravidez”. Para a professora Andrea, essa questão é trabalhada “quando surge o interesse dos alunos, aí nós discutimos individualmente ou coletivamente”. Para a professora Lorena, “embora faça parte do currículo, é trabalhado de maneira muito tímida, pela abordagem enfrentar

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

tabus sociais e pela falta de formação do professor”.

As respostas remetem ao PCN (BRASIL, 1998): o trabalho de Orientação Sexual contribui para a prevenção de problemas graves como a gravidez indesejada. As informações corretas coligadas ao trabalho de autoconhecimento e de reflexão sobre a própria sexualidade ampliam a consciência sobre os cuidados necessários para a prevenção dessas questões. Pode-se afirmar que a implantação desse tema transversal nas escolas contribui para o bem-estar das crianças e dos jovens, na vivência de sua sexualidade atual e futura. O papel do professor nesse processo é essencial, pois ao mesmo tempo em que oferece informações, referências e limites, ele deve mostrar que as manifestações da sexualidade infantil são prazerosas e fazem parte do desenvolvimento saudável de todo ser humano.

3) Você se considera preparado (a) para abordar o tema da Educação Sexual com seus alunos? Por quê?

Todos se consideram preparados; porém, sentem dificuldades ao fazer a abordagem do assunto, por preconceito da parte familiar do aluno, porque não saberão como será a reação dos mesmos diante do conteúdo. O professor Daniel respondeu que se preparou; porém, sente a necessidade de atualização constante; já a professora Lorena procura, de forma natural, abordar questões relacionadas com gravidez na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis e responsabilidade.

As respostas confirmam o que se afirma nos PCN (BRASIL, 1998): o professor deve estar preparado para desenvolver o conteúdo em sala de aula; porém, com certeza, irá se deparar com os preconceitos que envolvem o tema, encontrando dificuldades em abordar o assunto, por falta de embasamento e insegurança inerentes ao despreparo docente: “É necessário que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema”, enfrentando suas próprias dificuldades ao abordar essas questões (BRASIL, 1998, p. 303).

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

4) Sua escola tem conteúdo programático sobre o tema “sexualidade”?

Os professores não souberam responder com propriedade a essa questão. As respostas foram as seguintes: “os conteúdos estão no cronograma para o bimestre”; “o conteúdo faz parte da grade curricular”; “os conteúdos podem ser variados, de acordo com a escola e as séries”. Apenas a professora Andrea, forneceu uma resposta condizente: “não especificamente, mas em ciências e ética trabalhamos com os cuidados com o corpo e o respeito ao outro”.

As três primeiras respostas indicam que os professores desconhecem o conteúdo programático sobre o tema ou a escola não o possui. A resposta da Professora Andrea confirma, na prática, a visão de Paiva e Peres (2000), de que a sexualidade na educação é algo muito importante; é uma necessidade básica que os indivíduos buscam em uma construção que se dará ao longo da vida, uma aprendizagem que envolve o respeito na relação com o outro e com o seu próprio corpo.

5) Você conhece os PCN sobre Orientação Sexual? () sim () Não

Já utilizou esses PCN? () sim () Não

Todos responderam que já usaram os PCN. O tema transversal *Orientação Sexual* (corpo: matriz da sexualidade, relações de gênero, prevenção das doenças sexualmente transmissíveis) faz parte dos PCN. A primeira parte do documento justifica a importância deste assunto como tema transversal do currículo. A segunda parte mostra os critérios de avaliação e orientação didática, nas primeiras séries do Ensino Fundamental. Os PCN têm como objetivo promover reflexões na escola e na comunidade, envolvendo “pais e responsáveis, com a finalidade de sistematizar a ação pedagógica no desenvolvimento dos alunos, levando em conta os princípios morais de cada um dos envolvidos e respeitando, também, os Direitos Humanos” (BRASIL, 1998, p. 73).

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

6) Sua escola trata a sexualidade como tema transversal?

() Sim () Não

Todos responderam que a sexualidade é tratada como tema transversal, corroborando a visão de Furlani (2011) quando essa autora afirma que a sexualidade deve ser tratada como tema transversal e não como disciplina. Como tema transversal existe a possibilidade de se estabelecer, na prática educacional, uma relação entre estudar os conhecimentos e sistematizá-los, aprendendo com a realidade da vida real. A orientação sexual entrou nos currículos escolares através dos Parâmetros Curriculares Nacionais, por haver uma necessidade de mais orientações às crianças e adolescentes, sobre essa questão, dentro das escolas.

7) Quando o assunto “sexualidade” é trabalhado, qual a reação dos alunos? E dos pais?

As respostas foram semelhantes. Todos afirmaram que os alunos gostam de falar sobre o assunto, sendo algo que lhes desperta a curiosidade; mas, que há pais que ainda se encontram no campo fechado do tabu, apresentando resistência. Para a professora Lorena, os alunos gostam muito, “principalmente quando é dada voz a eles”. Para a professora Silva, os alunos ficam interessados e curiosos por conhecerem mais sobre o assunto; já quanto aos pais “a maioria não compreende e apoia (respondo também por mim) por que é um tema importante nos dias atuais e alguns pais acham precipitado”.

Considerando-se que os pais são igualmente frutos da repressão sexual e de preconceitos da sociedade em relação à sexualidade, eles também necessitam de orientação sexual, numa vez que foram privados dessa forma de educação, o que os leva, em grande parte das vezes, a ignorar a sexualidade dos filhos, porque não sabem como lidar com ela. Assim, pode-se afirmar que muitas famílias apresentam resistência à abordagem dessas questões no âmbito escolar; embora exista também um grande contingente de “pais que reivindicam a orientação sexual nas escolas, pois reconhecem não só a sua importância para crianças e jovens, como também a dificuldade de falar

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

abertamente sobre esse assunto em casa” (BRASIL, 1998, p. 78).

Dimenstein e Lambert (1998 apud SANTOS; BRUNS, 2000), acreditam ser possível aos educadores e também aos pais lidarem com as múltiplas vertentes da sexualidade humana no contexto escolar, desde que se preparem para isto, conhecendo a infância em profundidade e compreendendo as manifestações da sexualidade inerentes a essa fase.

8) Quais as dificuldades encontradas por você, enquanto professor/a, ao abordar a questão da sexualidade?

As dificuldades encontradas foram os medos e vergonhas dos alunos, ao colocar suas opiniões sobre o assunto. A professora Lorena nunca teve dificuldades em nenhuma modalidade de ensino: “é só tratar o tema com naturalidade, nomeando os órgãos do aparelho reprodutor masculino e feminino, abordando a maneira de fecundação entre outros aspectos”. Já para a professora Camila, a dificuldade encontrada é quando os alunos que têm dificuldades pessoais com as questões não conseguem se abrir para os debates.

A maioria dos respondentes confirma a visão de Bock (2005, p. 229), quando ela afirma que o desconhecimento e as dúvidas sobre a sexualidade são inúmeros, além de ser a própria sexualidade “cheia de preconceitos, de moralismo, de informações incorretas”. Essa contradição, de desconhecimento de algo inerente a nós, tem feito do sexo e da sexualidade um tabu. Assim, o sexo fica como um discurso nunca dito. O assunto sobre o sexo se torna vago; muitas vezes, é abordado de forma frágil, na televisão, no cinema, nos livros e em toda parte (na rua nada dizemos e nada perguntamos), namoramos e temos vários receios e dúvidas, mas preferimos não dizer.

9) Você considera que existe preconceito em relação à educação sexual por parte:

() dos pais; () dos professores; () dos alunos; () de nenhum deles.

Quanto aos pais, os respondentes assinalaram que apresentam resistência por

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

medo, timidez, cultura, choque de gerações e encaram os filhos como muito novos para abordar o assunto. Para professora Andrea não há preconceitos por partes de ninguém, pois ela pensa que o tema é de interesse de todos. Para o professor Daniel existe preconceito por parte dos pais, dos professores e dos alunos, pois ele acredita que o assunto é visto dessa forma pela herança cultural católica com que o Brasil foi colonizado.

Excetuando-se a resposta da professora Andrea, as demais respostas são condizentes com o que consta nos PCN (BRASIL, 1998): ao abordar o conteúdo sobre sexualidade, em suas aulas, o professor irá se defrontar com preconceitos por parte dos alunos e também dos pais. Segundo Barroso e Bruschini (1990), a relação entre sexualidade e educação é uma problemática que se associa a questões complexas, de cunho existencial e institucional. As dúvidas dos jovens vão além da informação, passando por experiências de cunho pessoal, íntimo, sendo que os professores se sentem, muitas vezes, constrangidos a se posicionarem. Os docentes necessitam preparar-se para a intervenção prática junto aos alunos, se possível contando com assessoria especializada. A formação deve ocorrer de forma continuada e recorrente, propiciando a reflexão sobre valores e preconceitos dos próprios educadores envolvidos no trabalho de educação sexual.

10) Como conseguir apoio dos pais e da comunidade na implantação do trabalho de Orientação Sexual?

Todos citaram que o melhor caminho seria o diálogo. Também foram citados palestras e debates (com educadores, médicos e especialistas), que possibilitem aos pais e à comunidade tomar consciência da grande importância da Orientação Sexual. “A família deveria ser a primeira instituição formadora e depois a escola reforçaria a aprendizagem” (Professora Lorena). Para a professora Andrea, através de reuniões com os adultos envolvidos, explicando os objetivos do trabalho.

Os respondentes apontam no sentido indicado por Gewandsznajer (1996), quando ele afirma que se torna importante o diálogo na escola e na família, sobre o tema da sexualidade, quando os jovens precisam de orientação. A sexualidade é assunto para

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

ser abordado em família e na escola, com ambas as instituições se apoiando mutuamente, em prol da formação sadia da criança e do jovem. Na mesma perspectiva, para Almeida, Costa e Silva (2005), é preciso que se conduza uma reflexão mais aprofundada sobre os valores e tabus que abarcam a sexualidade, havendo a necessidade de abordá-la, no contexto escolar, em parceria com a família, a fim de esclarecer os educandos e superar os preconceitos e estereótipos sexuais relacionados à temática.

Considerações finais

Este artigo se propôs a investigar sobre a importância da educação sexual na escola, mais especificamente, para alunos do Ensino Fundamental I. Para tanto, foi realizada pesquisa bibliográfica e de campo, a fim de se coletar informações sobre o assunto. A coleta de dados envolveu quatro professores desse nível de ensino, aos quais foi aplicado questionário misto, cujas respostas foram analisadas com base na metodologia qualitativa descritiva.

As respostas dos professores evidenciaram a importância de se abordar a sexualidade na escola. O tema é trabalhado, ainda de forma muito tímida, por meio dos livros de Ciências, como conhecimento do corpo humano, noções de higiene e orientações sobre gravidez. Os preconceitos e tabus que envolvem a temática ficaram muito claros, nas falas dos respondentes e, mesmo quando afirmam que estão preparados para explorar o assunto com os alunos, revelam que sentem dificuldades em fazê-lo devido aos preconceitos que se apresentam para todos os envolvidos (pais, alunos e docentes) como legado da “herança cultural católica com que o Brasil foi colonizado” (Professor Daniel).

Os professores declararam que conhecem os PCN sobre Orientação Sexual e que as escolas em que trabalham tratam o conteúdo como tema transversal. Quando o assunto é trabalhado em aula, os alunos reagem com curiosidade, mas têm dificuldades em colocar suas opiniões nos debates. Quanto aos pais, a maioria reage com resistência ao assunto, havendo também aqueles que apoiam a iniciativa escolar. Para romper as resistências e conseguir apoio, tanto dos pais, quanto da comunidade nos trabalhos de

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

orientação sexual, segundo os professores, o melhor caminho é o diálogo, juntamente com palestras esclarecedoras sobre o assunto, ministradas por especialistas.

Diante desses dados, pode-se afirmar que a primeira hipótese, formulada inicialmente, foi confirmada, pois realmente as maiores dificuldades dos professores estão relacionadas ao fato de ser a sexualidade um tema tabu para todos os envolvidos (pais, alunos e docentes). A segunda hipótese também foi confirmada pois, antigamente, a educação sexual não era abordada em escolas, porque a informações sobre sexualidade eram envoltas em crenças, tabus e valores a respeito de relacionamentos e comportamentos sexuais. Hoje em dia, o acesso ao assunto está mais fácil, embora ainda haja, por parte dos professores, dificuldades em trabalhar com o assunto nas aulas.

Quanto à terceira hipótese, foi confirmada parcialmente pois grande parte dos alunos realmente não se sentem à vontade para falar sobre o assunto, mas encaram com curiosidade e gostam quando o tema é abordado nas aulas. A quarta hipótese também foi confirmada parcialmente porque o tema é valorizado pelos professores, mas ainda existe muito preconceito quando o assunto envolve sexo e sexualidade. Nas escolas em que os professores pesquisados atuam, o assunto é tratado como tema transversal.

Assim, ficou demonstrado neste estudo, que abordar o tema sobre educação sexual no Ensino Fundamental não é tarefa fácil, pois implica que os professores enfrentem preconceitos e tabus historicamente enraizados na cultura e na educação escolar e não escolar. Educação essa de que também os professores foram alvo. Então uma ação efetiva em termos de orientação sexual demanda o enfrentamento e a desconstrução de conceitos e valores tidos, muitas vezes, como sagrados em termos sociais e assim encarados culturalmente.

Com a conclusão deste artigo, espera-se ter contribuído para a fomentação e a reflexão sobre a temática, especialmente voltada aos professores do Ensino Fundamental I, já que a educação sexual é um assunto que preocupa a todos, no entanto existem poucos trabalhos sobre essa questão. Nesse contexto, o papel da escola é fundamental, ao abrir espaço para que se possa debater sobre o tema e dar voz àqueles que são os sujeitos da educação cidadã – os alunos.

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

Referências

AGUIAR, Neuma. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. **Revista Sociedade e estado**, vol.15, nº 2, Brasília, June/Dec., 2000.

ALMEIDA, Djanira Soares; COSTA, Raphaela Leoni da; SILVA, Tais Mateus da. **Chega de tabu: a sexualidade sem medos e sem cortes**, 2005. Disponível em: <<http://www.unesp.br/prograd/PDFNE2005/artigos/capitulo%25201/chegadetabu.pdf>>. Acesso em 20 nov. 2016.

BARROSO, Carmem; BRUSCHINI, Cristina. **Como discutir a sexualidade em casa e na escola**. São Paulo: Cortez, 1990.

BERNARDI, M. **A deseducação sexual**. São Paulo: Summus, 1985.

BOCK, Ana M. Bahia. **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2005.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual**. Secretaria de Educação Fundamental. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

_____. **Resolução 196/96**, de 10 de outubro de 1996. Dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Conselho Nacional de Saúde, 1996. Disponível em: <<https://conselho.saude.gov.br/docs/Reso196.doc>>. Acesso em: 29 abr. 2017.

CAMARGO, Ana Maria Facciolli de; RIBEIRO, Cláudia. **Sexualidade e infância: a sexualidade como um tema transversal**. São Paulo: Moderna, 1999.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DUARTE, Vânia Maria do Nascimento. **Pesquisa quantitativa e qualitativa**. Disponível em: <<http://monografias.brasilecola.uol.com.br/regras-abnt/pesquisa-quantitativa-qualitativa.htm>>. Acesso em: 26 mar. 2017

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio Século XXI – o minidicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

FREUD, S. **Obras completas**, vol. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FURLANI, Jimena. **Educação sexual na sala de aula: relação de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

_____. **Encarar o desafio da educação sexual na escola**. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Curitiba: SEED, 2009.

GEWANDSZNAJER, F. **Ciências: nosso corpo**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. Disponível em: <<http://loja.ibge.gov.br/sintese-de-indicadores-sociais-uma-analise-das-condicoes-de-vida-da-populac-o-brasileira-2015.html>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

LOURO, Garcia L. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2011.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a sexualidade**. Campinas, SP: Papirus, 2005.

OMS Organização Mundial da Saúde. **Cartilha direitos humanos da mulher: prevenção à violência e ao HIV/Aids**. Publicado em 13 jan. 2011. Disponível em: <<http://www.paho.org/bra>>. Acesso em: 03 maio 2017.

PAIVA, Vera Sílvia Facciola; PERES, Camila Alves. **Fala educadora! Fala educador!** São Paulo: Secretaria de Estado da Saúde/Programa Nacional de DST/AIDS, 2000.

SANTOS, Claudiene; BRUNS, Maria A. Teodoro. **A educação sexual pede espaço**. São Paulo: Ômega, 2000.

SARTORI, Ari José; BRITTO, Neli Suzana (Org.). **Gênero na educação: espaço para a diversidade**. Florianópolis: Genus, 2008.

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

SILVA, Débora. **Matemática e os temas transversais**. Publicado em 11 de dezembro de 2015. Disponível em:

<<http://www.estudopratico.com.br/matematica-e-os-temas-transversais/>>. Acesso em: 03 nov. 2016.

SOUZA, Hália Pauliv de. **Sexo, energia presente em casa e na escola**. São Paulo: Paulinas, 2002.

TIBA, Içami. **Quem ama, educa!** Formando cidadãos éticos. São Paulo: Integrare, 2007.

UNFPA, Fundo de População das Nações Unidas. Maternidade precoce: enfrentando o desafio da gravidez na adolescência. **Relatório situação da população mundial**, 2013. Disponível em: <<http://www.unfpa.org.br/Arquivos/SWOP%202013%20-%20Summary%20Portugues.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2017.

YUCA, Mônica. **A sexualidade patriarcal em nossas camas**. Publicado em 31 de agosto de 2016. Disponível em: <<http://www.esquerdadiario.com.br/A-sexualidade-patriarcal-em-nossas-camas-O-direito-a-educacao-sexual-e-a-um-orgasmo-pleno-e-real>>. Acesso em: 3 maio 2017.

Recebido em: 10/03/2018

Aceito em: 10/05/2018